

OGI OGAS E SAI GADDAM
MILHÕES DE
PENSAMENTOS
PERVERSOS

A Billion Wicked Thoughts
What the world's largest experiment reveals
about human desire

Traduzido do inglês por
Michelle Hapetian



CONTEÚDOS

| | |
|---|-----|
| PRÓLOGO de Catherinhe Salmon | 9 |
| PREFÁCIO | 13 |
| A Maior Experiência Comportamental do Mundo <i>Porque são os caloiros fáceis, mas a Internet ainda é melhor</i> | |
| CAPÍTULO 1 | 19 |
| De Que Gostamos Realmente? Sugestões Sexuais <i>Como a Internet abre os cortinados de par em par, revelando-nos os desejos mais secretos</i> | |
| CAPÍTULO 2 | 43 |
| Pay-Per-View para Macacos: Sugestões Visuais Masculinas <i>Porque são sexy as roliças, porque oferecem as senhoras maduras vantagens especiais e porque sofria Freud de inveja peniana</i> | |
| CAPÍTULO 3 | 67 |
| Elmer Fudd, Caçador de Coelhos: O Desejo Masculino <i>Porque se excitam os homens com um frasco de moedas e porque é o cérebro sexual masculino um caçador desastrado</i> | |
| CAPÍTULO 4 | 85 |
| Agência de Detetives de Miss Marple: O Desejo Feminino <i>Porque não existe um Viagra para as mulheres e porque têm as mulheres o cérebro mais sofisticado do mundo</i> | |
| CAPÍTULO 5 | 109 |
| As Senhoras Preferem os Alfas: Sugestões Psicológicas Femininas I: O Herói <i>Porque gostam as mulheres de barões, multimilionários e assassinos em série</i> | |
| CAPÍTULO 6 | 133 |
| A Irmandade do Pipi Mágico: Sugestões Psicológicas Femininas II: A Heroína <i>Porque todos os homens de jeito são comprometidos e porque todas as raparigas só querem ser amadas</i> | |

| | |
|--|-----|
| CAPÍTULO 7 | 153 |
| Os Homens São Todos Iguais: Sugestões Gays | |
| <i>Porque gostam os gays de héteros e porque mal se distingue a pornografia gay da pornografia hétero</i> | |
| CAPÍTULO 8 | 179 |
| Um Homem Alto com um Belo Rabiosque: As Sugestões Visuais Femininas | |
| <i>Porque foi um fiasco a revista Playgirl, porque é um rabiosque firme uma bela vantagem e porque há tanta gente que não gosta de pornografia</i> | |
| CAPÍTULO 9 | 203 |
| Mulheres Infieis e Miúdas Tresloucadas: As Sugestões Psicológicas Masculinas | |
| <i>Porque é o proibido tão excitante e qual o inesperado motivo de os homens gostarem de sexo em grupo</i> | |
| CAPÍTULO 10 | 225 |
| Lordes e Lordose: Sugestões Psicológicas Humanas | |
| <i>Porque são a dominação e a submissão duas faces do mesmo córtex</i> | |
| CAPÍTULO 11 | 245 |
| Ilusões Eróticas: O Poder Criativo das Sugestões | |
| <i>O que têm em comum o sorriso da Mona Lisa, o cheesecake de Oreo e as novelas românticas paranormais</i> | |
| CONCLUSÃO | 273 |
| Final Feliz ou Felizes Para Sempre? | |
| <i>E agora, que faço eu com tanta informação?</i> | |
| AGRADECIMENTOS | 277 |
| NOTAS | 281 |

CAPÍTULO 1

De Que Gostamos Realmente?

*Sugestões Sexuais**

O estudo do desejo nunca foi para os fracos.²

MARTA MEANA, professora de Psicologia Clínica

O ano de 1886 registou o nascimento de duas disciplinas científicas notáveis, ambas fundadas por alemães. Um cientista lançou o olhar para fora, para os padrões ocultos do universo físico. O outro espreitou para dentro, para as engrenagens secretas da mente. Uma disciplina alcançou um progresso incrível. A outra – sendo isso, talvez, surpreendente – deixou-se ficar bem para trás.

Heinrich Hertz desenvolveu a primeira antena radiofónica em 1886.³ Queria testar a existência de ondas eletromagnéticas, tal como previra o físico teórico escocês James Clerk Maxwell. Hertz foi a primeira pessoa a transmitir e a receber com êxito sinais radiofónicos, provando a teoria de Maxwell e, ao mesmo tempo, inaugurando o campo da *Radiofísica*. O sujeito desta nova área era uma estranha “onda” invisível com que nenhum filósofo ou padre sonhara, nem nas suas fantasias mais extravagantes. No século seguinte, contudo, os radiofísicos desenvolveram os *lasers* utilizados nos leitores de DVD e na cirurgia ocular – descobriram como sondar o cérebro humano em busca de tumores e até ouviram os sons que ficaram do *big-bang*, o acontecimento que marcou a origem do Universo conhecido.

Todos mantemos uma relação mais íntima e pessoal com o objeto de estudo de Richard von Krafft-Ebing, examinado pela Humanidade desde que bramimos as primeiras palavras nos vales de África.

* Nesta aceção, uma sugestão consiste num estímulo, percebido de forma consciente ou inconsciente, que suscita ou assinala um tipo de comportamento. (N. da T.)

Em 1886, Krafft-Ebing publicou um livro marcante. Com várias partes e o título deliberadamente escritos em latim para desencorajar a sua leitura por leigos, *Psychopathia Sexualis*⁴ aborda temas obscuros, como a estimulação do clítoris, a redução da libido e a homossexualidade. A disciplina que Krafft-Ebing fundou chama-se *Sexologia*.

Mas em que medida é que, nos 125 anos transcorridos desde que a *Psychopathia Sexualis* encetou o estudo científico de uma atividade bem conhecida, os feitos dessa área se equiparam aos da Radiofísica? É um pouco como comparar o total de medalhas de ouro olímpicas dos Estados Unidos com o das Fiji. Ao contrário das origens da energia eletromagnética, as origens do desejo permanecem misteriosas e controversas. Não há consenso quanto aos interesses sexuais considerados normais, anormais ou patológicos. Os cientistas nem sequer estão de acordo no que respeita ao propósito do orgasmo feminino, se é possível fazer-se demasiado sexo ou se as fantasias sexuais são inocentes ou perigosas.

Hoje em dia, uma grande variedade de cientistas estuda o desejo, incluindo neurocientistas, psicólogos, biólogos e farmacologistas. Uma das suas questões mais básicas é: porque gostamos daquilo de que gostamos? Essa pergunta nunca teve uma boa resposta, pois, primeiro, temos de identificar *aquilo* de que gostam as pessoas. Roubando uma expressão ao autor americano William S. Burroughs, temos de “ver o que está na ponta do garfo de toda a gente”.⁵ Mas encontrar uma panorâmica dos verdadeiros interesses dos homens e das mulheres não tem sido, de forma alguma, fácil.

Enquanto os radiofísicos modernos já descobriram buracos negros e desenvolveram meios para comunicarmos com extraterrestres, os cientistas que estudam o desejo ainda se debatem com a identificação das diferenças elementares entre os interesses sexuais dos homens e os das mulheres. Porque existe um fosso tão grande entre os feitos das áreas fundadas por Heinrich Hertz e Richard von Krafft-Ebing? Uma das grandes razões prende-se com a *obtenção de dados*.

O melhor método para obter dados científicos consiste na observação direta. Não há nada melhor do que observar um sujeito em ação. Os cientistas, no entanto, têm mais facilidade em debruçar-se sobre os quasares intergalácticos do que em bisbilhotar o quarto de alguém.

Os quasares não fecham as cortinas por modéstia ou desconfiança. Em contrapartida, quase ninguém se dispõe a que cientistas curiosos os fotografem na azáfama debaixo dos lençóis. As ondas de rádio podem ser invisíveis, mas não tentam esquivar-se à curiosidade dos físicos nem têm a capacidade do autoengano, ao contrário dos seres humanos.

Uma vez que a observação direta do comportamento sexual é tão difícil, a maioria dos cientistas obtém dados relativos à sexualidade através de sondagens de autoavaliação. Mas *quem* é que se dispõe a responder a perguntas como “Já alguma vez se sentiu atraído pelo seu cão?”, mesmo que o jovem estudante com a barba por aparar que nos faz o inquérito insista dizendo: “Confie em mim, as suas respostas são totalmente anónimas.”

As dificuldades associadas à obtenção de dados relativos à sexualidade não se limitam a sujeitos assustadiços que não querem ser estudados. Há muitas instituições sociais que também não querem que se estude o sexo.⁶ As agências de financiamento estatal, os grupos ativistas, os conselhos de avaliação ética e, até, outros cientistas impõem fortes constrangimentos sociais aos investigadores suficientemente corajosos para estudarem o desejo humano. Por exemplo, em 2003, vários congressistas liderados pelo representante da Pensilvânia, Pat Toomey, tentaram bloquear o financiamento federal de quatro projetos de investigação sexual, entre eles um estudo dos hábitos sexuais dos homens mais velhos em Nova Inglaterra e um estudo sobre a homossexualidade e a bissexualidade dos ameríndios. “Para obterem bolsas, os meus colegas da corrente principal da psicologia podem dizer que pretendem fazer ‘investigação elementar’ ou ‘expandir o nosso conhecimento sobre o comportamento humano’”, lamenta Marta Meana, uma psicóloga clínica e investigadora na área da sexualidade da Universidade do Nevada, em Las Vegas, uma das principais autoridades mundiais no domínio da sexualidade feminina. “Mas se estudarmos sexo e quisermos obter um bom financiamento, temos de associar o nosso trabalho à ‘saúde’ ou aos ‘direitos humanos’.”⁷

Os tabus sexuais institucionais frustram os esforços no sentido de se descobrir os verdadeiros padrões do desejo humano. Na verdade,

desde a publicação do livro de Krafft-Ebing, só um cientista conseguiu inquirir um grande número de pessoas acerca de uma vasta gama de interesses sexuais: Alfred Kinsey.⁸ Kinsey foi entomólogo e dedicou a carreira ao estudo da vespa das galhas, reunindo mais de um milhão desses diminutos insetos avermelhados que alfinetou e rotulou à mão.⁹ A Sra. Kinsey terá certamente esperado uma vida de plácida estabilidade, em que o acontecimento mais excitante seria uma ocasional ferradela de vespa. Em 1940, porém, Kinsey trocou abruptamente as suas vespas pelas “cegonhas”. Fartara-se da moralização e das superstições que permeavam a educação sexual nos anos 30. O que realmente o motivava, no entanto, era a sua frustração para com a total ausência de dados científicos acerca daquilo que as pessoas realmente *faziam*.

Kinsey e um pequeno grupo de assistentes entrevistaram milhares de sujeitos pessoalmente, fazendo-lhes 521 perguntas sobre uma tremenda variedade de interesses sexuais, incluindo *bondage*, bestialidade e meias de seda. Os resultados foram chocantes, até pelos padrões atuais. Antes de Kinsey, acreditava-se que a homossexualidade era extremamente rara, mas a verdade é que mais de um terço dos homens declararam ter tido experiências homossexuais. Pensava-se que as mulheres possuíam um impulso sexual muito reduzido, quando, afinal, mais de metade afirmava masturbar-se. O sexo pré-nupcial, os casos extraconjugais e o sexo oral ocorriam com muito mais frequência do que as pessoas julgavam.

“*Too darn hot*”¹⁰, trauteia Paul em *Kiss Me, Kate*, o musical da Broadway de Cole Porter, depois de entoar uma canção sobre as descobertas dos Relatórios Kinsey. Não era o único a sentir-se assim. Após a publicação da obra pioneira de Kinsey sobre o desejo feminino, *Sexual Behavior in the Human Female*, o Rockefeller Center cessou o seu financiamento. Kinsey foi denunciado como comunista e ferozmente atacado por organizações conservadoras e religiosas.¹¹ Depois de se tornar dependente de soporíferos e de começar a sofrer do coração, faleceu, com 62 anos, de pneumonia e complicações cardíacas.

Os 18 mil homens e mulheres entrevistados por Kinsey representam a tentativa científica mais abrangente de determinar os verdadeiros interesses sexuais das pessoas comuns.¹² Os estudos de Kinsey,

no entanto, já têm mais de meio século. Constrangidos por pressões políticas e sociais, os investigadores que se lhe seguiram nunca deram continuidade ao seu trabalho procedendo a réplicas em grande escala da investigação sobre as variantes do desejo. Mesmo os próprios dados de Kinsey são, em muitos aspetos, limitados. Os sujeitos eram sobretudo caucasianos instruídos pertencentes à classe média. Eram selecionados oportunisticamente, de acordo com a disponibilidade das pessoas, e não de forma aleatória ou sistemática. Os dados obtidos consistiam nas recordações que os sujeitos se dispunham a partilhar e não em informações passíveis de verificação ou decorrentes da observação direta.

Os herdeiros intelectuais de Heindrich Hertz estudaram calmamente o radar e o raio-X sem sofrerem repressões por parte da sociedade. Em contrapartida, muitos dos herdeiros intelectuais de Richard von Krafft-Ebing foram ridicularizados pelos *media*, enfrentaram processos-crime ou foram despedidos.¹³ Os físicos podem observar as partículas subatómicas e os superaglomerados galácticos. E o desejo humano? Como é, ao certo, o desejo? A Ciência não conseguiu responder a esta pergunta, pois simplesmente não tem tido forma de observar o comportamento sexual de um grande número de mulheres e homens.

Até agora.

MILHÕES DE PENSAMENTOS PERVERSOS

As décadas de 60 e 70 foram o apogeu das experiências ligeiramente irresponsáveis de psicologia social que, amiúde, se assemelhavam a episódios de *Jackass*, o programa de partidas da MTV.* Na experiência da prisão de Stanford, em 1971, os sujeitos foram divididos em reclusos e guardas e obrigados a viver numa prisão improvisada.¹⁴ Em resultado, os guardas cometeram abusos degradantes e os prisioneiros amotinaram-se. Nas experiências de obediência de Milgram,

* Programa criado pela MTV americana em que um grupo de pessoas faz proezas perigosas e prega todo o tipo de partidas. (N. da T.)

conduzidas nos anos 60, os sujeitos tinham de eletrocutar um homem com cargas crescentes de eletricidade, até ele ficar quase como morto.¹⁵ Em 1973, o psicólogo, Kenneth Gergen, do Instituto Superior de Swathmore, realizou outra experiência de psicologia social que dificilmente seria aprovada pelos atuais conselhos de ética. A sua investigação indagava: “O que fazem em as pessoas em situações de absoluto anonimato?”¹⁶

Na experiência de Gergen, cinco jovens do sexo masculino e cinco jovens do sexo feminino entravam, um de cada vez, numa pequena sala. Não se conheciam antes da experiência e estiveram isolados antes de entrarem na sala. Uma vez na sala, poderiam fazer o que quisessem. No fim da experiência, os sujeitos saíam, um da cada vez. O que tornou essa experiência tão interessante foi a sala em si. Estava completamente às escuras. Os sujeitos não se viam, não se conheciam e sabiam que não iriam descobrir as identidades uns dos outros após a experiência. Por outras palavras, gozavam de total anonimato. Então, o que fizeram aqueles desconhecidos? A conversa depressa se esgotou e deu lugar ao toque. Quase 90 por cento dos sujeitos tocavam noutra pessoa de propósito. Mais de metade dos sujeitos abraçou alguém. Um terço acabou por se beijar. Um jovem beijou cinco raparigas diferentes. “Eu estava sentado e a Beth veio ter comigo. Começámos a tocar-nos no rosto, no corpo e, por fim, a curtir. Era um ato de demonstração de amor um pelo outro, que decidimos partilhar com outras pessoas. Separámo-nos e a Laurie substituiu-a.” Escondidos por detrás daquele anonimato, os participantes sentiam-se à vontade para manifestarem os seus desejos. Um homem chegou mesmo a oferecer dinheiro a Gergen para o deixar voltar à sala. Quase 80 por cento dos homens e das mulheres declararam sentir-se sexualmente excitados.

A Internet é uma versão muitíssimo mais ampla da experiência de Gergen.¹⁷ É colocar mil milhões de pessoas anónimas numa sala virtualmente escura e ver o que elas fazem quando dão asas aos seus desejos.

Quando era mais jovem, Peter Morley-Souter gostava de escrever histórias de banda desenhada. Era influenciado por *Calvin and Hobbes*, a história aos quadradinhos para toda a família sobre as aventuras

do menino traquinas com seis anos – Calvin – e o seu tigre de peluche – Hobbes. Peter tinha uma ideia para uma banda desenhada altamente humorística inspirada nas suas experiências quotidianas e sua irmã mais nova, Rose, era a ilustradora. O público consistia sobretudo nos amigos de Peter, embora, por vezes, ele publicasse o seu trabalho na Internet. Atualmente a estudar para ser professor do ensino secundário na Grã-Bretanha, Peter considera a sua banda desenhada um mero passatempo de juventude e tem dificuldade em lembrar-se de muito do que fez – com uma exceção assinalável.

Em 2003, rapaz tímido com 16 anos, Peter recebeu um *email* de um amigo com uma “reinvenção” da banda desenhada de *Calvin and Hobbes*. Nela, Calvin e Hobbes surgiam, entusiasmados, a praticar relações sexuais com a mãe de Calvin. Peter ficou “bastante traumatizado”.

“Sabia que havia muito sexo na Internet, mas o Calvin e o Hobbes?”, queixa-se Peter, passando a explicar porque é que decidiu criar a sua própria banda desenhada de um só quadrado em resposta. “Concluía que *se* havia pornografia de *Calvin and Hobbes*, então, devia haver pornografia de tudo e mais alguma coisa.”

O *cartoon* angustiado que Peter fez retrata-o a ele próprio, embasbacado, diante do ecrã do computador, em estado de choque. É uma ilustração amadora a preto e branco, com pouco de memorável. Contudo, Peter parece captar um sinal dos tempos com a legenda da imagem: *Regra da Internet Número 34: há pornografia disso*.¹⁸

Peter publicou o seu *cartoon* num *site* de partilha de imagens. O desenho em si depressa desapareceu, mas a legenda tornou-se viral. As palavras de Peter percorriam comunidades eletrónicas, onde eram modificadas para uma versão mais comum: *Regra 34: qualquer coisa que imagines, há pornografia disso na Internet*. Hoje em dia, Regra 34 é uma expressão consagrada nos *blogs*, nos vídeos do YouTube, nos *feeds* do Twitter e nos *sites* das redes sociais. É frequentemente adaptada, como neste caso: “Apliquei a 34 à Paula Abdul e ao Simon Cowell, na mesa do júri.” O *blog* de tecnologia Boing Boing até apresenta o “Desafio Regra 34”¹⁹, em que os concorrentes têm de encontrar as mais extraordinárias combinações eróticas na Internet, como Ludwig van Beethoven a ter relações sexuais com a Britney Spears.

Porque é que a Regra 34 diz tanto a tanta gente? Porque quem passa muito tempo na internet sabe que a máxima de Peter é verdadeira. O EroticFalconry.com apresenta fotografias de aves de rapina com mulheres nuas; o Snarry.net contém histórias eróticas sobre o Harry Potter e o Professor Severus Snape e o LoonerVision.com consiste em vídeos de pessoas que se excitam sexualmente a rebentar balões. “A Web aproxima as pessoas”, diz o comediante Richard Jeni, “porque, independentemente do mutante sexualmente pervertido que possamos ser, teremos sempre milhões de compinchas por lá. Se escrevermos, ‘encontrar pessoas que fazem sexo com cabras a arder’, o computador pedirá ‘especifique o tipo de cabra’.”²⁰

Em 1991, o ano em que a *World Wide Web* ficou *online*, publicavam-se menos de 90 revistas para adultos na América e era difícil encontrar uma banca que vendesse mais de uma dúzia.²¹ Seis anos mais tarde, em 1997, já existiam cerca de 900 *sites* de pornografia na Internet.²² Hoje em dia, o *software* de filtragem CYBERSitter bloqueia 2,5 milhões de *sites* para adultos.²³ Tal como cantam os fantoches de *Avenue Q*: “A Internet é para a pornografia.”

É verdade que a pornografia visual é maioritariamente um interesse masculino. Contudo, o número de mulheres que também recorrem à Internet para satisfazer os seus próprios desejos eróticos é cada vez mais elevado. Por esse mundo fora, seja no Ocidente, seja no Oriente, as atividades *online* relacionadas com sexo tornaram-se rotineiras, com uma grande fatia de homens e mulheres a utilizar a Internet para fins sexuais.²⁴ É difícil imaginar um desenvolvimento mais revolucionário na história da sexualidade humana. Numa visita a um *site* de vídeos pornográficos, como o PornHub, vemos mais corpos nus num só minuto do que os vitorianos mais promíscuos veriam em toda a sua vida.²⁵ Há, no entanto, uma mudança ainda mais dramática. Já não temos de interagir com *ninguém* para obtermos imagens eróticas.²⁶

As mulheres que morreriam de vergonha se fossem apanhadas na secção de pornografia de um clube de vídeo têm finalmente a hipótese de explorar os seus interesses eróticos com privacidade e conforto. Os homossexuais, que antes se isolavam nos bairros dos subúrbios, já podem navegar por uma interminável variedade de conteúdos

excitantes sem se levantarem da cadeira. Todos podemos ver pornografia num *smart phone*, a andar de metro ou refundidos na casa de banho do escritório. Milhões de pessoas no mundo inteiro podem satisfazer livremente os seus desejos eróticos mais secretos, pensando, clicando no rato e escrevendo no teclado – sempre encobertas pelo anonimato da Internet.

Kenneth Gergen conseguiu observar o comportamento dos seus sujeitos no quarto escuro, por meio de câmaras de infravermelhos. Mas como podemos nós observar as atividades sexuais das pessoas na Internet, sendo elas efetivamente anónimas? Para o bem ou para o mal, o nosso comportamento eletrónico raramente é invisível. Deixamos para trás um rasto de pegadas digitais. Por exemplo, se utilizarmos um motor de busca, como o Google, o Yahoo! ou o Bing, o texto que procuramos é gravado e armazenado numa variedade de locais. As empresas dos motores de busca retêm dados sobre as nossas pesquisas e algumas até divulgam conjuntos meio anónimos de históricos de busca individuais. Existem também ferramentas de *software* que controlam, registam e vendem dados sobre pesquisas. Ao examinar esses dados em bruto, podemos finalmente descobrir o que está na ponta do garfo de toda a gente.

Vejamos esta lista. Cada expressão representa uma pesquisa real que alguém fez no motor de busca Dogpile em maio de 2010.²⁷ O Dogpile.com é um popular meta-motor que combina resultados do Google, do Yahoo!, do Bing e de outros motores de busca importantes. Esta lista é uma imagem pura do desejo humano.

- > shemales* com vestidos de baile de finalistas
- > slash** de edward e jacob da saga twilight
- > carne negra em rua branca
- > mulheres filmadas a trair
- > as melhores novelas românticas com heróis alfa
- > gravação de sexo com kendra wilkinson
- > histórias de açoites

* *Shemale* é o nome dado na indústria do sexo a transexuais com os órgãos genitais masculinos e seios produzidos por tratamentos hormonais e mamoplastias. Pode ser considerado ofensivo. (N. da T.)

** A chamada ficção *slash* consiste na descrição de relações sexuais ou românticas entre casais de personagens fictícias do mesmo sexo. (N. da T.)

- > canal gratuito de vídeos *gays*
- > jake gyllenhaal em tronco nu
- > orgias com raparigas tresloucadas
- > desenhos animados sexuais de jersey shore

Há um termo popular para designar os interesses sexuais invulgares: *fetiches**.²⁸ E há fetiches que nos repugnam, aos quais por vezes se chama *taras*** . A reação natural de muitas pessoas é sentirem-se enojadas com algumas das coisas que constam desta lista. Podemos achar instintivamente que quem pesquisa esse tipo de coisas só pode ser um grandessíssimo anormal. Mas o que nos salta imediatamente à vista é a espantosa diversidade dos interesses sexuais das pessoas. É como olhar para um menu de restaurante que inclui *Big Macs*, lesmas-do-mar, gelado de chocolate, gafanhotos fritos e tofu biológico. *Será que os seres humanos comem realmente todas essas coisas?*

De onde vem tanta diversidade? Porque é que uma pessoa procura “histórias de açoites” e outra procura “*shemales* com vestidos de baile de finalistas”? Porque são as nossas preferências eróticas diferentes das dos nossos parceiros? São essas as perguntas no cerne da nossa investigação.

Para compreender a diversidade do desejo humano, combinaremos dados da Internet com as mais recentes descobertas da neurociência e da investigação sobre a sexualidade. Explicaremos porque é que os leitores ou os respetivos parceiros gostam de fazer certas coisas em privado (ou um com o outro) que jamais admitiriam em público. Essa explicação será dada na forma de novas e surpreendentes ideias acerca do *software* mental que rege os nossos desejos. Começaremos com uma pergunta aparentemente simples. Qual a origem dos nossos interesses sexuais? Como é que esse impulso para procurar “as melhores novelas românticas” ou “vídeos *gays* gratuitos” entra no nosso cérebro?

Uma hipótese é o nosso *software* do desejo ser influenciado por estímulos sociais. Talvez o nosso cérebro esteja concebido para expe-

* *Kinks*, no original. (N. da T.)

** *Squicks*, no original. (N. da T.)

rimentar o ambiente cultural em que vivemos – incluindo mensagens comunicadas pelos nossos pais, pares e *media* –, para depois regular os nossos desejos de acordo com os exemplos ditados por esses *inputs* sociais. Mas como testar essa hipótese dos “*inputs* sociais”? Uma experiência possível seria tentar utilizar os *inputs* sociais para engendrar intencionalmente os desejos sexuais mais básicos de uma pessoa.

Se pegássemos num recém-nascido e controlássemos totalmente o seu ambiente social – incluindo a maneira como todos interagem com ele –, poderíamos determinar o tipo de pessoa que esse bebé consideraria sexualmente atraente quando crescesse?

AS CONSEQUÊNCIAS INESPERADAS DA LAVAGEM CEREBRAL

Na circuncisão de David Reimer,²⁹ às duas semanas de idade, com uma agulha de electrocauterização, em Manitoba, em 1965, o urologista de serviço queimou acidentalmente todo o pénis do bebé. Confrontados com essa horrenda tragédia, os Reimer consultaram o mais famoso sexólogo da época, o Dr. John Money, da Universidade de Johns Hopkins.³⁰ O Dr. Money era da opinião de que a sexualidade derivava totalmente dos *inputs* sociais. Desse modo, assegurou à família Reimer que não havia com que se preocupar. Bastava recuperarem o nome que a Sr.^a Reimer tencionara dar ao bebé caso fosse uma menina e submeter David a uma intervenção cirúrgica para lhe conferir uma vagina. Depois, teriam apenas de criar o filho emasculado como se ele fosse uma menina.

Nunca tendo informado Brenda de que ela tinha nascido rapaz, os pais criaram um dos mais delicados segredos de família que se possa imaginar. Davam-lhe bonecas e vestidos, administravam-lhe tratamentos hormonais e arrastavam-na para consultas de psicoterapia com o Dr. Money, em Baltimore. Mas que tipo de psicoterapia se faz a uma menina quando acreditamos que o desejo sexual é ditado pelos

inputs sociais? O Dr. Money mostrava à pequena Brenda imagens de homens adultos nus e dizia-lhe: “É disto que gostam as meninas crescidas.” Money sentia-se satisfeito com o desenvolvimento de Brenda. Durante mais de uma década, comunicou à comunidade científica que a primeira experiência de sempre em androginia era um “êxito absoluto”.

Se falássemos com Brenda, contudo, ela faria uma descrição totalmente diferente da experiência. Aos três anos, já rasgava furiosamente os vestidos. Recusava-se a brincar com bonecas, preferindo carros e armas. Em vez de usar a corda para saltar, servia-se dela para chicotear o irmão e atar as pessoas. A primeira memória de Brenda é a de perguntar ao pai se podia fazer a barbar como ele. Na escola, era marginalizada, gozada e rejeitada, devido ao seu estranho comportamento arrapazado. Os Reimer inscreveram a filha nas Guias. “Lembro-me de estar a fazer coroas de margaridas e pensar que, se aquilo era a atividade mais excitante que ali havia, bem podiam esquecer! Só pensava nas coisas divertidas que o meu irmão fazia nos Lobitos.”

E quanto ao desejo sexual de Brenda, o objetivo principal da vigorosa psicoterapia do Dr. Money? Quando chegou à puberdade, Brenda não sentia qualquer atração por rapazes. Money perguntou aos seus desgostosos pais: “O que vos parece de a vossa filha ser lésbica?” Assoberbados pela visível aflição psicológica em que Brenda vivia, os pais acabaram por lhe revelar a verdade, tinha ela 14 anos. “De repente, tudo fazia sentido”, explica Brenda, que depressa mudou o nome para David. “Não era nenhuma anormal.”

Submeteu-se a uma mastectomia para lhe retirarem os seios de indução hormonal e a uma faloplastia para obter um pénis não funcional. Depois, começou a sair com raparigas, por quem sentia uma forte atração. Mais tarde, acabou por casar. E não voltou às consultas do Dr. Money. “Parecia uma lavagem cerebral”, recorda David, dez anos depois. “Por vezes, o que nos fazem ao corpo nem se compara com o que nos fazem à *mente*, com a guerra psicológica dentro da nossa cabeça.”

A experiência fracassada de David foi a primeira do género, mas, infelizmente, não a última. No seguimento dos relatos otimistas do

Dr. Money acerca da sua experiência bem-sucedida com Brenda, milhares de bebês geneticamente do sexo masculino, com os mais diversos problemas anatômicos, foram criados como meninas. Em 2004, um urologista redigiu um relatório sobre 14 indivíduos geneticamente do sexo masculino submetidos a uma redistribuição de gênero neonatal.³¹ Sete tinham recomeçado a viver como homens, seis ainda viviam como mulheres e um recusava-se a declarar uma identidade sexual. Só os que viviam como homens tinham tido relações amorosas e conseguiam levar uma vida independente. Hoje em dia, a classe médica desencoraja a redistribuição de gênero por intervenção cirúrgica em recém-nascidos e uma das razões é a trágica experiência conduzida com David Reimer. Em 2004, aos 38 anos, David pôs fim à sua guerra psicológica, suicidando-se com um tiro de caçadeira na cabeça.

A história de David Reimer sugere que o ambiente social exerce muito pouca influência sobre a atração que o cérebro masculino sente pelas mulheres. Mas Reimer foi um único caso. Observemos outra experiência que testa os efeitos dos *inputs* sociais sobre o desejo recorrendo a muito mais sujeitos. O que aconteceria se a sociedade *mainstream* sujeitasse *todos* os rapazes aos mesmos estímulos sexuais? Quantos se sentiriam atraídos por esses estímulos na idade adulta?

Por exemplo, imaginemos uma cultura em que todos os rapazes pré-pubescentes seriam incitados a praticar sexo oral a um adolescente mais velho, várias vezes por semana, durante três ou quatro anos, como parte de um ritual de iniciação à idade adulta. Se, de facto, são os *inputs* sociais que determinam a atração do cérebro masculino por homens ou mulheres, o mais certo será que a sociedade passe a ser dominada pela homossexualidade na idade adulta, ou, no mínimo, pela bissexualidade.

Na verdade, existe mesmo uma sociedade com essas práticas: os sambianos.³² Trata-se de uma povo de horticultores da selva que vivem em pequenas povoações, nas montanhas da Papua Nova Guiné. Os sambianos creem que o sémen é a essência da masculinidade (um pouco como o *mojo* de Austin Powers) e todos os rapazes sambianos têm de ingerir bastante para se tornarem homens fortes e masculinos.³³ Quando os rapazes chegam à puberdade e começam a desen-

volver um físico másculo, os mais velhos dizem: “Vês? Resulta!” Nessa altura, os rapazes adolescentes trocam de papéis e o ato de feição é feito por uma nova colheita de rapazes pré-pubescentes.

Então, qual é a taxa de homossexualidade entre os homens adultos sambianos? Nem chega a 5 por cento, sendo esse quase o mesmo nível de homossexualidade das sociedades ocidentais. Na casa dos 20, os homens sambianos casam-se normalmente com uma mulher sambiana.³⁴ “Guardam boas memórias da sua juventude”, relata o antropólogo Gilbert Herdt, que viveu entre os sambianos. “Mas sentem mais desejo pelas mulheres.”

O que nos ensinam essas duas “experiências naturais”?³⁵ Apon-tam para a mesma conclusão: há coisas que nos excitam *instintivamente*.³⁶ Mesmo que a sociedade nos incite a participar numa prática sexual específica durante os nossos anos formativos, tal não determina necessariamente os nossos desejos na idade adulta. Daqui, é claro, nada se conclui sobre o desejo feminino, cujo funcionamento poderá ser muito diferente do masculino. Para além disso, há importantes *inputs* sociais passíveis de influenciar os outros desejos masculinos. A atração fundamental por homens ou por mulheres, porém, não parecer ser um deles. Para compreendermos plenamente o desejo humano, temos de analisar as especificidades do nosso *software* cerebral.

O GÉNIO DE UM MILHÃO DE TARAS

Um motor de busca da Internet é um génio digital maravilhoso. Concede-nos não apenas um mas uma infinidade de desejos eróticos. Pessoas normais podem sentar-se diante dos seus teclados e, livres de qualquer comedimento, pedir precisamente aquilo que gostariam de ver no ecrã.³⁷ *O meu desejo é... Zac Efron de fato de banho.* Se quisermos entender a diversidade dos interesses sexuais manifestados na Internet – bem como o *software* mental responsável por esses interesses – devemos começar por identificar padrões nesses desejos.³⁸

Reunimos 400 milhões de pesquisas diferentes introduzidas no motor de busca Dogpile entre julho de 2009 e julho de 2010.³⁹ Esses dados foram obtidos através de um processo chamado *scraping**: concebemos um programa para captar as pesquisas listadas no SearchSpy, um *site* gerido pelo Dogpile que apresenta em tempo real as buscas introduzidas pelas pessoas nesse motor de busca. Ir ao SearchSpy é como olhar por uma janela para a corrente planetária da consciência humana – e não teremos de esperar mais de alguns segundos para lhe vislumbrar o lado sexual. Dos 400 milhões de pesquisas reunidas, cerca de 55 milhões (quase 13 por cento eram buscas por algum tipo de conteúdo erótico. Essas pesquisas de cariz sexual representam os desejos de cerca de dois milhões de pessoas. Dois terços provêm dos Estados Unidos, embora alguns utilizadores sejam da Índia, da Nigéria, do Canadá e do Reino Unido.⁴⁰

Em seguida, classificámos todas essas pesquisas sexuais por interesse. Por exemplo, categorizámos “rabo latino escaldante”, “miúdas com bilhas apetitosas” e “gajos *sexy* com bons cus” como exemplos do interesse *rabos*. (Estas categorias não distinguem entre pesquisadores masculinos e femininos, nem entre pesquisadores homossexuais ou heterossexuais.) Algumas buscas foram classificadas em múltiplos interesses. Por exemplo, “orgia de marinheiros asiáticos” foi incluído em *asiáticos*, *marinheiros* e *sexo em grupo*. É importante assinalar que essas pesquisas refletem o que as pessoas *desejavam* encontrar num dado momento, e não aquilo que realmente encontraram. São os desejos e não aquilo que o génio efetivamente lhes concedeu.

Por vezes, foi-nos difícil saber imediatamente se uma pesquisa concreta expressava um impulso erótico, como no caso de “chefes de claques universitárias”. Essa busca talvez traduza um interesse inocente de alguém de uma equipa universitária que só quer informações sobre a competição para o Campeonato Nacional de Chefes de Claques. Em casos mais incertos como estes, recorreremos a outros conjuntos de dados para nos orientarmos, incluindo o conjunto de dados da AOL (American Online).

* *Scraping* (ou *Web scraping*), que à letra significa «raspagem», é um método de recolha de dados na internet usando *software* específico para o efeito. (N. da T.)

Em 2006, a AOL divulgou um conjunto de dados contendo históricos de pesquisas de 657 426 pessoas.⁴¹ Cada histórico contém todas as buscas efetuadas por um dado utilizador da AOL no espaço de três meses, de 1 de março a 31 de maio de 2006. A título de exemplo, eis uma amostra do histórico das pesquisas do “Sr. Biquínis” – o nome que demos ao utilizador n.º 2027268:

- > chefes de claque universitárias
- > chefes de claque no Havai
- > fotos de biquínis e raparigas
- > o pecado da masturbação
- > raparigas bonitas de biquíni
- > raparigas a bronzear-se em biquíni
- > fotos de chefes de claque em biquíni
- > nãããããooooo
- > conselhos cristãos sobre a luxúria

A divulgação desses dados foi uma catástrofe para a AOL em termos de relações públicas e foi nomeada um dos “101 Momentos Mais Estúpidos das Empresas”.⁴² Embora os nomes dos utilizadores não estivessem incluídos, a divulgação dos dados foi amplamente considerada uma violação da privacidade do utilizador. O diretor da AOL Research, responsável pela divulgação dos dados foi despedido. Os dados, no entanto, revelaram-se uma mina de ouro para os investigadores que estudavam o comportamento das pessoas *online*, mas não para os que estudavam o desejo, surpreendentemente.

Com base nos dados da AOL (e noutros conjuntos de dados), determinámos a probabilidade de uma expressão ambígua introduzida no Dogpile ser ou não uma busca sexual ao analisar quais as outras pesquisas mais frequentes que continham a expressão ambígua. Isso permitiu-nos constatar, por exemplo, que a expressão de busca “chefes de claque universitárias” ocorre sobretudo com “chefes de claque nuas”, “chefes de claque mamalhudas” e “pornografia gratuita com chefes de claque”.⁴³ Se uma expressão de pesquisa ambígua se correlacionasse muito com buscas sexuais, então, contabilizávamo-la na categoria adequada – neste caso, *chefes de claque*.⁴⁴

Observem a seguinte lista, que apresenta os interesses sexuais mais populares no Dogpile.⁴⁵ Antes de o fazerem, porém, tentem adivinhar. O que é que acham que se procura mais: *chefes de claque*, *mulheres infiéis* ou *rabos*?

| percentagem das buscas de cariz sexual | Popularidade | Categoria | Exemplo de busca |
|--|--------------|------------------|--|
| 13,5 | 1 | Jovens | vídeos gratuitos de adolescentes sem nudez* |
| 4,7 | 2 | Gay | gajos heterossexuais pagos para fazerem sexo gay |
| 4,3 | 3 | MILF** | MILF de biquíni |
| 4,0 | 4 | Seios | mamas grandes |
| 3,4 | 5 | Mulheres Infiéis | porno de infidelidades |
| 2,8 | 6 | Vaginas | ratas depiladas |
| 2,4 | 7 | Pénis | pilas gigantes |
| 0,9 | 21 | Rabos | cus latinos bons |
| 0,1 | 79 | Chefes de Claque | porno gratuita com chefes de claque |

O que devemos pensar do facto de *mulheres infiéis* (n.º 5) ser mais popular do que *rabos* (n.º 21) ou *chefes de claque* (n.º 79)? Porque é que *jovens* (n.º 1) é mais popular do que tudo o resto? Já vimos que a cultura não influencia o cérebro masculino a preferir homens ou mulheres. Mas poderiam os *inputs* sociais influenciar alguns dos outros interesses que as pessoas pesquisam na Internet?

Há um facto que nega a influência cultural sobre determinados interesses sexuais: alguns dos interesses sexuais mais populares são

* Sem nudez (*non-nude*, no original), neste contexto, não significa destituído de carga erótica, pelo contrário. Os resultados desta busca mostram pessoas (geralmente do sexo feminino e muitas vezes aparentando menoridade) em poses sugestivas mas com alguma roupa. (N. da T.)

** De *Mother I'd Like to Fuck*, ou *Mãe Que Eu Gostaria de Papar*. (N. da T.)

vulgarmente considerados *taras*. Por exemplo, *transexuais* (n.º 17) é mais popular do que *celebridades* (n.º 23) ou *asiáticos* (n.º 29). “Porno-grafia *shemale*”, tal como é conhecida na indústria pornográfica, é internacionalmente rentável e popular, apesar de a sociedade em geral a considerar bastante estranha. Certamente que não veremos Hollywood ou a CNN a recomendar os prazeres do erotismo transexual. A verdade é que, sob o véu do anonimato, milhões de pessoas a procuram ativamente.

É bem possível que as pessoas utilizem mais o motor de busca para localizar interesses raros, que não estão devidamente representados nos *sites* pornográficos de maior popularidade. Talvez sejam poucas as pessoas com necessidade de recorrer ao motor de busca para encontrar “sexo baunilha”, facilmente acessível nos *sites mainstream*, com muitos visitantes. Em consequência, poderíamos supor que a popularidade dos interesses repugnantes é exagerada na lista do Dogpile. Isso, no entanto, parece improvável por diversas razões. Para já, muitos desses interesses aparentemente invulgares *estão* bem representados nos *sites* pornográficos *mainstream*, incluindo a pornografia transexual que surge com frequência na primeira página do PornHub – o *site* de vídeos pornográficos mais popular do mundo.

Acresce que a categoria de busca sexual mais popular é, de longe, *jovens*, que está extremamente bem representada nos *sites* de pornografia *mainstream*. Ao que tudo indica, as pessoas utilizam motores de busca como o Dogpile, mesmo quando pretendem localizar interesses sexuais muito fáceis de encontrar. Por fim, a relativa popularidade dos interesses expressos nas buscas sexuais – tanto os interesses repugnantes como os familiares – confirma-se através de uma variedade de outros dados eletrónicos, tais como o tráfego dos *sites*, as subscrições de *sites* pornográficos e as descargas de vídeos pornográficos.

Agora que já classificámos os 55 milhões de buscas de cariz sexual no Dogpile, qual o grau de diversidade da lista dos interesses sexuais do *Homo Sapiens* expressos na Internet? Não há assim tanta diversidade como isso. Uns meros 20 interesses diferentes perfazem 80 por cento do total das pesquisas. Isso é espantoso. Com menos de duas dúzias de interesses podemos satisfazer os desejos de quase toda a

gente que utiliza os motores de busca para encontrar conteúdos eróticos. Na verdade, os 35 interesses principais constituem 90 por cento do total das pesquisas. Isso nem sequer inclui *chefes de claque* (n.º 79), *massagem* (n.º 51) ou *virgens* (n.º 61), o que significa que a maioria dos desejos das pessoas se agrupa num conjunto relativamente pequeno de interesses comuns. No que respeita aos nossos fetiches, todos temos muito mais em comum do que se possa imaginar.

Em rigor, a Regra 34 pode muito bem ser verdadeira. É quase certo que tudo aquilo que formos capazes de imaginar existe como pornografia *online*. Se introduzirmos “esqueletos pornográficos” ou “contabilista sexy” ou “histórias eróticas com batatas” no Google, obtemos resultados. Em geral, contudo, as pessoas não perdem muito tempo à procura dessas coisas – os nossos desejos tendem a ser iguais aos de montes de outras pessoas.

Todavia, alguns leitores podem estar a pensar: “Esperem lá, essa lista de pesquisas tem muito que se lhe diga: parece mesmo refletir os gostos dos *homens*. Certamente que *seios*, *chefes de claques* e *gay* são interesses predominantemente masculinos. Significará isso que as mulheres não recorrem à Internet para satisfazer os seus desejos?”

As tabelas que se seguem apresentam os *sites* “eróticos” mais populares, embora fosse mais correto dizer que estes *sites* refletem os interesses dos cérebros sexuais dos homens e das mulheres.⁴⁶ A primeira tabela apresenta os cinco *sites* mais populares entre os homens; a segunda, os cinco mais populares entre as mulheres, que incluem o *site* de literatura de ficção escrita por fãs mais popular, o *site* de autor de romances mais popular, o *site* de novelas românticas mais popular e o *site* de pornografia para mulheres mais popular.

| Milhões de visitas por mês | <i>sites</i> populares junto dos homens | Tipo de <i>site</i> |
|----------------------------|---|--------------------------|
| 16 | Pornhub.com | <i>site</i> pornográfico |
| 9,9 | RedTube.com | <i>site</i> pornográfico |
| 9,8 | XHamster.com | <i>site</i> pornográfico |
| 8,3 | YouPorn.com | <i>site</i> pornográfico |
| 7,4 | XNXX.com | <i>site</i> pornográfico |

| Milhões de visitas por mês | sites populares junto das mulheres | Tipo de site |
|----------------------------|------------------------------------|--------------------------------------|
| 1,8 | FanFiction.net | site de histórias escritas por fãs |
| 0,6 | StephenieMyers.com | site para fãs de autores de romances |
| 0,2 | eHarlequin.com | site para fãs de novelas românticas |
| 0,2 | AdultFanFiction.net | site de histórias eróticas |
| 0,1 | ForTheGirls.com | site de vídeos pornográficos |

Na *World Wide Web*, os homens preferem imagens e as mulheres, histórias.⁴⁷ Os homens preferem sexo explícito e as mulheres, relacionamentos e romance. Isso também se reflete nas respostas divergentes dos homens e das mulheres quando inquiridos acerca das suas atividades sexuais na Internet.

| Atividade sexual <i>online</i> preferida ⁴⁸ | Porcentagem de homens | Porcentagem de mulheres |
|--|-----------------------|-------------------------|
| Ver imagens e filmes eróticos | 37 | 6 |
| Contacto com parceiros amorosos/sexuais | 8 | 21 |
| Ler histórias eróticas | 6 | 9 |

Sempre que podem pesquisar à vontade sob o anonimato dos seus computadores, os homens e as mulheres não se limitam a buscar interesses díspares. Procuram diferentes modos de estimulação.⁴⁹ Os homens preferem observar e as mulheres preferem ler e conversar. Essa dicotomia fundamental entre os interesses sexuais confirma as previsões de um dos mais influentes cientistas da área da sexualidade, Donald Symons.

“No reino da fantasia masculina, o sexo é pura luxúria e gratificação física, isento de cortejo, compromisso, relacionamentos duradouros ou esforço de ligação.⁵⁰ Os vídeos pornográficos apresentam enredos muito pouco desenvolvidos, centrando-se nos atos sexuais em si e dando ênfase à exibição de corpos femininos, especialmente com

grandes planos de rostos, seios e órgãos genitais”, explicam Symons e a psicóloga Catherine Salmon, na obra *Warrior Lovers*. “O reino da fantasia feminina é bastante diferente. O objetivo da heroína de uma história romântica nunca é o sexo em si e muito menos praticá-lo com desconhecidos. O cerne do enredo de uma novela romântica é uma história de amor, no decorrer da qual a heroína supera obstáculos para identificar o homem certo para ela, conquistar-lhe o coração e, por fim, casar-se com ele.”

Donald Symons é bioantropólogo e professor emérito na Universidade da Califórnia, em Santa Barbara.⁵¹ Symons reformou-se da investigação e vive com a mulher num desfiladeiro com vista para as montanhas de Santa Ynez, cobertas de chaparros. É vegetariano e fã fervoroso do comediante Richard Pryor. Para além disso, é o investigador vivo mais citado na ciência da sexualidade contemporânea. A sua obra pioneira é referida por cientistas que investigam uma gama espantosamente vasta de fenómenos, incluindo relações *gays*, fantasias femininas de coerção, fuga ao incesto, sexo anal e dimensões das ancas das estrelas da indústria pornográfica.

Richard von Krafft-Ebing criou a ciência do desejo humano com a obra *Psychopathia Sexualis*, em 1886. Mas a instituição da “ciência pura e dura” do desejo humano esperou quase outro século pela publicação da obra de Symons, em 1979 – *The Evolution of Human Sexuality*. Este livro influenciou muitos cientistas de renome, incluindo o psicólogo de Harvard Steven Pinker: “*The Evolution of Human Sexuality* foi um marco, com a síntese que faz da biologia evolucionária, antropologia, fisiologia, psicologia, ficção e análise cultural, escrito com uma combinação de rigor e espiritualidade.⁵² Esse livro constituiu um modelo para todas as obras subsequentes que aplicam a evolução às questões humanas, muito em particular, a minha.” Era a primeira vez que se integrava o desejo humano no contexto teórico da biologia evolucionária. Essa abordagem de base teórica ao desejo era bastante diferente da abordagem observacional de Alfred Kinsey.

Enquanto Kinsey e a maioria dos anteriores investigadores da sexualidade descrevem *aquilo* de que gostam os homens e as mulheres, Symons tenta explicar *a razão* pela qual homens e mulheres têm gostos tão diferentes.

OS DELICIOSOS ELEMENTOS DO DESEJO

Os seres humanos deliciam-se com uma enorme variedade de alimentos: bananas, ostras, leite, toucinho, amendoins, anchovas, curgetes. E isso são só as coisas boas naturais. Os corredores dos supermercados estão a abarrotar de tudo quanto são alimentos processados, incluindo batatas fritas e *pizzas* de todos os tamanhos e feitios. Confrontados com uma diversidade tão espantosa de desejos culinários, podemos sentir-nos tentados a dizer que não é possível que estes se reduzam a um pequeno conjunto de paladares inatos.

Na verdade, porém, o nosso *software* mental do paladar reage a apenas cinco *inputs* percutuais: doce, salgado, ácido, picante e amargo. (Alguns investigadores também propõem gorduroso e metálico.) Cada uma dessas sugestões de paladar é processada por uma via neuronal própria, desencadeia a sua própria experiência subjetiva e desempenha a sua própria função evolucionária. Por exemplo, o nosso paladar para o doce deteta o açúcar de que precisamos para obter energia. Consequentemente, o nosso *software* do paladar evoluiu de forma a fazer-nos considerar o doce desejável e gratificante. O nosso paladar para o amargo deteta as substâncias alcaloides que se associam muitas vezes a plantas tóxicas. Assim, o nosso *software* do paladar evoluiu de forma a fazer-nos considerar o amargo desagradável.

Como é evidente, o nosso *software* do paladar também foi concebido para ser altamente adaptável. Muito embora os alimentos possam ser todos reduzidos a um punhado de sugestões do paladar, as nossas combinações de sabores preferidas são influenciadas pela cultura e pela experiência. Se gostamos de costeletas de porco ou de caril é porque era isso que cozinhava a nossa mãe. A maioria dos americanos não gosta de língua de vaca estufada por nunca ter comido isso na fase do crescimento, ainda que esse seja um prato comum nas Filipinas. Os estudantes universitários comem muitos *Hot Pockets** por serem refeições baratas e fáceis de preparar. Podemos aprender a gostar de alimentos amargos, como o café ou as azeitonas, mas cultura alguma gosta de fezes cobertas de canela em pó.

* Os *Hot Pockets* são uma espécie de pastéis com uma enorme variedade de recheios que se cozinham no micro-ondas. (N. da T.)

A comida é um exemplo maravilhoso de como os nossos cérebros apreciam uma infinita variedade de sugestões a partir de um conjunto limitado de sugestões percetuais. Isso é possível porque as sugestões do paladar se combinam para formar diferentes amálgamas de sabor. Uma amêndoa coberta de chocolate consiste em sugestões doces e amargas, enquanto um *pickle* consiste em sugestões ácidas e salgadas. As pessoas aprendem a gostar de combinações de sabores altamente complexas, tal como vinho e caviar.

Somos da opinião de que o nosso *software* de desejo sexual tem um funcionamento semelhante. Da mesma maneira que todos os alimentos podem ser reduzidos a um conjunto finito de sugestões do paladar que nos ativam o *software* do paladar, também os nossos interesses sexuais podem ser reduzidos a um conjunto finito de sugestões sexuais que nos ativam o *software* do desejo. A ideia de que os nossos cérebros têm mecanismos inatos concebidos para detetar sugestões sexuais específicas partiu de Donald Symons.⁵³ “É evidente que os seres humanos desenvolveram mecanismos psicológicos para detetar e avaliar sugestões de valor do parceiro independentemente das preferências das outras pessoas e muitíssimo resistentes à modificação cultural.⁵⁴ Esses mecanismos representam uma proporção muito alargada de variabilidade individual em atração.”

Surge, contudo, uma diferença crucial entre as sugestões do paladar e as sugestões sexuais – uma diferença de género. Apesar de os cérebros dos homens e das mulheres estarem preparados para detetar as mesmas sugestões de paladar, no que respeita às sugestões sexuais o caso muda de figura.⁵⁵ É como se os homens nascessem com detetores para sugestões de paladar salgadas e ácidas e as mulheres com detetores para sugestões de paladar doces e amargas. Ambos poderíamos ingerir torrão de amendoim mas sentir sabores diferentes: um homem referiria o sabor salgado e uma mulher mencionaria a doçura.

Abrimos este capítulo descrevendo as dificuldades históricas em determinar aquilo que as pessoas desejam. Symons sabia o suficiente sobre os desejos das pessoas para engendrar uma teoria de sugestões sexuais femininas e masculinas que permanece uma pedra angular da ciência do desejo. Mas a Internet expande-nos, como nunca, os

conhecimentos sobre os desejos das pessoas. Quando nos confrontamos pela primeira vez com esta impressionante diversidade – tal como expressam as buscas de cariz sexual no Dogpile – talvez não acreditemos que ela se possa reduzir a um simples conjunto de elementos. O *software* de paladar do nosso cérebro, todavia, demonstra que uma aparente infinidade de estímulos apelativos pode ser reduzida a um conjunto finito de sugestões.⁵⁶

Fizemos *scraping* a mil milhões de buscas diferentes na *Web*, incluindo meio milhão de históricos de busca pessoais. Analisámos centenas de milhares de histórias eróticas *online* e milhares de novelas românticas eletrónicas. Verificámos os 40 mil *sites* pornográficos com mais tráfego. Observámos mais de cinco milhões de solicitações sexuais publicadas em classificados *online*. Ouvimos milhares de pessoas falarem sobre os seus desejos em fóruns *online*.

O objetivo? Compreender as sugestões inatas específicas que suscitam desejo nas mulheres e nos homens.